Psicologia.pt
ISSN 1646-6977
Documento publicado em 23.07.2018

O SIGNIFICADO DO TRABALHO PARA OS GARIS: UM ESTUDO SOBRE A INVISIBILIDADE SOCIAL

2018

Taiza da Silva Araújo
Psicóloga graduada pela faculdade Santíssimo Sacramento Alagoinhas/BA (Brasil)
Especialista em terapia cognitiva comportamental - FSSS
taraujo.psi@outlook.com

Edla Raiane Rodrigues da Silva
Psicóloga graduada pela faculdade Santíssimo Sacramento Alagoinhas/BA (Brasil)
edlaraiane@hotmail.com

RESUMO

Esse estudo teve como objetivo observar e analisar o fenômeno da invisibilidade social no trabalho de garis na cidade de XXXX. Realizou-se uma pesquisa etnográfica de natureza qualitativa observacional participante, com a colaboração de 20 trabalhadores de ambos os sexos com idade igual ou superior a 18 anos. Os dados foram coletados através da observação e aplicação de entrevista semiestruturada, contendo 19 questões. A principal referência do caso foi o estudo do psicólogo e doutor em psicologia social, Fernando Braga da Costa, que durante dez anos, trabalhou junto aos garis da USP, Universidade de São Paulo, realizando uma pesquisa sobre a importância social dessa categoria. A partir desse fenômeno, desenvolveu-se uma pesquisa de campo com os garis da cidade de XXXX, verificando na prática, se o conceito de invisibilidade social é válido e se pode ser percebido no contexto dos trabalhadores deste município.

Palavras-chave: Invisibilidade social, trabalho, gari, sociedade.

Copyright © 2018.
This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

1. INTRODUÇÃO

O interesse por este tema surgiu através da disciplina de Saúde Mental do trabalho, onde os alunos apresentaram profissões, com carga de prazer e sofrimento no trabalho. Foram diversas as profissões citadas, mas nenhum dos trabalhos abrangeu a profissão de Gari. Desse modo, surgiu o interesse de conhecer e aprofundar mais sobre essa profissão.

O presente trabalho tem como objetivo observar e analisar o fenômeno da invisibilidade social no trabalho dos Garis da cidade de XXXX, que nos permite fazer alguns questionamentos: Haverá um reconhecimento por parte da sociedade e dos próprios Garis a respeito de sua profissão? Os garis ressaltam que atualmente o preconceito por parte da sociedade vem sendo amenizado, as pessoas reconhecem que seu trabalho não é um trabalho fácil, porém essencial para sociedade e para saúde pública. Os garis destacam que seu trabalho é importante e não são todas as pessoas que conseguem trabalhar nessas condições, enfrentar sol, chuva, mal cheiro etc., muitos começam, mas não resistem e logo desistem. E como se sentem esses Garis ao desempenhar uma profissão reconhecida como de menor importância, e com elevado grau de invisibilidade social? O preconceito vivenciado por esses garis, as más condições de trabalho, a invisibilidade acabam gerando sentimentos de indiferença e discriminação (Lopes, Maciel, Carrieri, Dias, & Murta, 2012).

O fenômeno da invisibilidade social refere-se a seres invisíveis na nossa sociedade, seja pela indiferença ou pelo preconceito. No livro **Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social** [grifo nosso], o psicólogo Fernando Braga da Costa (2002) conseguiu demonstrar a existência da invisibilidade, vestiu-se o uniforme do serviço de limpeza da cidade e trabalhou como gari, varrendo as ruas da Universidade de São Paulo, por 8 anos. Segundo ele, ao olhar da maioria, os trabalhadores braçais são **seres invisíveis, sem nome** [grifo nosso]**.**

O conceito de invisibilidade social tem sido aplicado a seres humanos que estão à margem da sociedade, socialmente invisíveis seja pelo preconceito, pela indiferença, classe econômica, nível de escolaridade. Os Garis é um grande exemplo desse tipo de invisibilidade social, pois passam despercebidos nas ruas pelas pessoas. O seu reconhecimento se dá pelo uso de um uniforme ou por seus equipamentos de trabalho. Eles são tratados pelas pessoas como o povo do lixo da limpeza pública. Segundo Porto (2009) a utilização de um uniforme faz com que esses trabalhadores percam sua identidade, sua subjetividade, e se tornem seres completamente invisíveis perante a sociedade.

Para Laing citado por Porto (2009):

[... "A identidade é definida pela relação do indivíduo com os que estão a sua volta, em seu convívio"] (p.1). Desta forma define a invisibilidade social como sintoma de uma crise de identidade nas relações entre os indivíduos da sociedade contemporâneas, considerando-se os efeitos da estruturação sócia econômica advinda do Neoliberalismo que tem como protagonista a cultura do consumo, no qual você é o que você consome.

Segundo Costa (2008) foi através de seu estudo realizado com Garis da USP de São Paulo que ele percebeu como se dava o processo de invisibilidade social, visto que seus colegas de classe e professores não o percebiam quando estava usando o uniforme de Gari, passavam por ele e não o enxergava parecia que ele estava invisível usando aquela roupa, porém essa é apenas a realidade dos Garis, que trabalham há anos no mesmo lugar e passam despercebidos diante das pessoas. A identidade delas é definida pelos recursos materiais por suas conquistas no mercado e não por sua singularidade, pelo seu caráter, sentimentos, atitudes em determinados contextos (Celiguim, & Roesler, 2009).

Podemos associar o fenômeno da invisibilidade pública especialmente à segregação social em classes, coisa que não é invenção do capitalismo, mas que o capitalismo perpetua, naturaliza. Isso também é sustentado por aspectos psicológicos, isto é, avaliação pessoal de pessoas para pessoa. Portanto, se refere à sensibilidade a partir da presença de alguém perto dessas pessoas, de qualquer maneira, tudo isso é bastante complexo e nunca é facilmente inteligível, porque demanda sempre um estudo crítico e superficial (Jornal da UEM, 2012).

Esse artigo propõe fazer uma breve discussão teórica e um levantamento em campo sobre o tema no âmbito social, tendo como objetivo observar e analisar o fenômeno da invisibilidade social no trabalho de garis na cidade de XXXX e especificamente vivenciando na prática por doze dias essa cegueira psicossocial. Trata-se de um estudo etnográfico de natureza qualitativa observacional participante, no qual serão utilizados vinte participantes de ambos os sexos, que terá como procedimento de analise a temática de Bardin (1997), como métodos de investigação, o questionário sócio demográfico com entrevistas semiestruturadas.

Entretanto, este artigo encontra-se estruturado da seguinte forma: tem-se o referencial teórico sobre a temática referente ao trabalho em seguida é apresentada a metodologia utilizada na pesquisa, seguida a análise dos dados coletados e, por fim, as conclusões e considerações finais.

2. CONCEITO DE INVISIBILIDADE SOCIAL

A invisibilidade pública ou social é um tema relativamente novo, que segundo Costa (2008) "é uma espécie de desaparecimento psicossocial de um homem no meio de outros homens" (p.10). Numa sociedade capitalista, marcada por preconceitos e desigualdade social, é evidente a

valorização dos sujeitos de classe econômica alta, que ocupa cargos respeitados e admiráveis, sobretudo aqueles que exercem profissões intelectuais, em detrimento do sujeito menos favorecido economicamente, que se dedica às atividades braçais e por isso desvalorizadas, sendo então desrespeitado, humilhado e consequentemente despercebido.

Costa (2004) compreende seu objeto de estudo, a invisibilidade social, tornando-se um daqueles sujeitos da sua pesquisa, recebendo o mesmo tratamento que eles.

[No intervalo entre as aulas no Instituto de Psicologia, foi preciso que eu passasse por dentro do prédio daquela faculdade. Imaginei, então, que vestindo aquele uniforme ali incomum... fosse chamar a atenção de toda a gente... Não fui reconhecido... Nenhuma saudação corriqueira, um olhar, sequer um aceno de cabeça. Foi surpreendente. Eu era um uniforme que perambulava: estava invisível...] (p. 58).

"A invisibilidade pública é resultado de um processo histórico de longa duração. Rebaixa a percepção de outrem, especialmente a percepção de alguém vinculado à forma baixa do salário assalariado, o trabalho desqualificado, alienado e alienante" (Costa, 2004, p.15).

Diante de uma sociedade capitalista marcada por preconceitos e desigualdades sociais, o sujeito que não possui status, um bom nível econômico, passa despercebido em meio aqueles que possuem profissões admiráveis e respeitadas. A cegueira e a rejeição reflete nesses Garis sentimentos de inferioridade, baixo auto estima, provocando um sofrimento psíquico, por se sentirem humilhados. Esse desprezo é causado pela incapacidade de reconhecermos essa profissão como digna e pela dificuldade em aceitar que são pessoas privadas de oportunidades, possuem sentimentos, histórias de vida difíceis.

2.1. Garis: dedicação silenciosa e trabalho árduo

O gari é um profissional ligado ao Serviço de Limpeza Pública responsável pela realização de trabalho braçal, onde requer esforços e bem estar físico, e marcado por movimentos repetitivos, percursos extensos, e com cargas horárias de 8 horas por dia. Fazem o trabalho de varrição e coleta de lixo nas ruas, avenidas, casas, prédios, parques públicos, comércio e indústrias. A denominação gari teve origem na cidade do Rio de Janeiro, quando o empreiteiro Aleixo Gary, em 1876, assinou um contrato para a limpeza da cidade (Santos 2004, Rocha, 2003, Brasil, 2002, como citado em Assis et al, p. 2[1]).

[1]ASSIS, Eurisângela Araújo de**. Percepção funcional e qualidade de vida dos garis de microcidades do interior do sudoeste baiano**. Disponível em: http://faculdadeguanambi.edu.br/wpcontent/uploads/2015/12/percep%c3%87%c3%83o-funcional-e-qualidade-de-vida-dos-garis-de-microcidades-do-interior-do-sudoeste-baiano.pdf. Acesso em: 13 agosto 2016.

São pessoas que estão expostas a riscos constantemente, vidros, pregos, ruídos, odor, carros nas ruas. São necessárias várias habilidades para lidar com a invisibilidade do exercício da profissão, estresse e sobrecarga psicossocial. São seres desvalorizados, invisíveis e discriminados pela sociedade, anseiam por reconhecimentos e melhores oportunidades. Diante das adversidades do trabalho, buscam estratégias de defesa através de brincadeiras com os colegas, música, como forma de enfrentamento do trabalho fatigante.

Estatísticas divulgadas pelo Ministério do Trabalho e Emprego, utilizando a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE), mostram que em 2003 foram registrados 3.318 acidentes, contra 4.795 registrados em 2005 entre os Trabalhadores de Limpeza Pública (TLU) na Bahia (MTE, 2007). Pesquisas referentes a acidentes de trabalho constatam que 67% estão relacionados ao ambiente de trabalho e 33% a atitudes dos indivíduos (Assis *et al* ...,2013, p.2).

2.2. Invisíveis aos olhos da sociedade

A invisibilidade social é um conceito aplicado a seres socialmente invisíveis, seja pela indiferença ou pelo preconceito, que pode estar relacionado a fatores econômicos, culturais e sociais. Os Garis são tratados como invisíveis. Muitas pessoas só o reconhecem como lixeiro, o homem que pega lixo, atribuindo o serviço e os instrumentos à pessoa, ao profissional, não separaram o que é caminhão, pá, lixo e Gari. A maioria sente repugnância, nojo, não querem estar no mesmo ambiente que eles. Vivemos ainda em uma sociedade muito preconceituosa, que menospreza, humilha, trata com indiferença o outro, e que não reconhece o trabalho dos garis.

[Bater o ponto, vestir o uniforme, executar trabalhos essencialmente simples (como varrer ruas, cortar matos, retirar os barros que se acumula junto ás guias), estar sujeito a repressões mesmo sem motivo, transporta-se diariamente encima de caçambas de caminhonetes ou caminhões em meio às ferramentas ou lixo, são as tarefas delineadoras daqueles homens. Tarefas nas quais podemos reconhecer ingredientes psicológicos e sociais profunda e fortemente marcadas pela degradação e pelo servilismo. São atividades cronicamente reservadas a uma classe de homens proletarizados, homens que se tornam historicamente condenado ao rebaixamento social e político] (Costa, 2004, p.15).

Questionamos como ficaria a comunidade se não fosse o trabalho desses agentes de limpeza, o que as pessoas iriam fazer com o lixo, onde iriam descartar. Propagam-se críticas equivocadas atribuindo essa situação a vontade própria ou porque esses trabalhadores não se interessaram pelos estudos ou porque é pobre, só tem esse emprego. As pessoas tendem a fazer comparações entre

elas e os garis, **eu não sou igual a ele**, **eu estudei tenho bom emprego, um bom nível social, ele não, tem que pegar lixo mesmo** [grifo nosso], propagando um discurso preconceituoso. Usar um uniforme e trabalhar como Gari parece fazer com que essas pessoas percam sua dignidade humana em relação às outras (Lopes, Maciel, Carrieri, Dias, & Murta, 2012).

A falta de um dia de trabalho desses Garis é o suficiente para percebermos a sua importância. Somos sujeitos críticos, sabemos criticar quando os lixos se encontram espalhados pelas ruas, quando mau cheiro invade nossas casas e quando eles deixam de realizar a coleta por um dia, mas não somos capazes de agradecer, elogiar o seu trabalho a cada dia. Sentimos falta da limpeza pública, porque uma vez não realizada nos afeta, mas não somos capazes de perceber quem são essas pessoas que desempenham essa função. Diante disso o uso do uniforme se torna a identificação desses "Garis" e a sua subjetividade se encontra perdida em meio a julgamentos.

Para eles ser gari é um trabalho honrado e importante como toda a outra profissão, que possibilita além do salário para seu sustento, também oportuniza o desenvolvimento e preenchimento da sua vida. A perda desse trabalho se configura como rupturas na identidade, gerando um grande sofrimento. Ser Gari é ter um trabalho digno e essencial para a sociedade, mas para outros nem sempre é visto dessa forma. Muitas vezes eles percebem seu próprio trabalho como desvalorizado pelo fato das pessoas não o enxergarem, pelas condições de trabalho que são precárias, e que coloca em risco sua saúde. Podem adquirir problemas osteomoleculares pela repetição dos movimentos, correm o risco de intoxicações, infecções, por estarem em contato com diversos tipos de lixo, trabalham a qualquer tempo no sol ou na chuva. O trabalho de Gari é um trabalho desgastante que possui riscos, e que precisa de cuidado e paciência para lhe dar com as consequências adversas, que podem ir desde chacotas, piadas até um problema de saúde grave (Lopes, Maciel, Carrieri, Dias, & Murta, 2012).

Para que os Garis possam sair dessa condição de invisibilidade social devem ser trabalhados dois aspectos: pessoal e social. O primeiro deve ser feito uma auto - valorização e conscientização, desenvolver uma relação afetiva intrapessoal, em seguida deve ser feito uma conscientização junto a sociedade para que possam mudar sua visão sobre o trabalho dos garis, passando a enxergar essa profissão, e a reconhecer como uma profissão que pode ser ocupada por qualquer pessoa independentemente do nível social ou do grau de escolaridade.

Estamos diante de um mercado competitivo e com poucas oportunidades de trabalho, para muitas pessoas o que importa e sua dignidade, e poder pagar suas contas, sustentar sua família, e não o lugar onde trabalham. Viver em um mundo capitalista, cheio de desigualdade social, e com baixas oportunidades de emprego, faz com que as pessoas não escolham seu trabalho, e sim, faz com que o trabalho as escolham, por isso devemos acabar com esse preconceito e estabelecer uma relação de reconhecimento entre a sociedade e os garis, onde possa existir respeito, agradecimento, onde eles possam ser cumprimentados e elogiados, criando assim um novo espaço, onde permite

que os garis sejam reconhecidos pelo seu trabalho e sejam vistos como seres humanos visíveis perante a sociedade (Porto, 2009).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como percurso metodológico, decidiu-se pela pesquisa etnográfica de natureza qualitativa observacional participante. Considera- se que esse método é o mais adequado para desenvolver o trabalho, já que permite análise intensiva dos dados a fim de expressar o sentido dos fenômenos sociais.

A pesquisa etnográfica tem bases antropológicas ou etnográficas, baseia-se na observação e levantamento de hipóteses, onde o etnólogo procura descrever o que, na sua visão, ou seja, na sua interpretação, está ocorrendo no contexto pesquisado. Uma das características da Etnografia é a presença física do pesquisador e a observação *in loco.*

Geertz como citado em Souza e Barroso (2008) explicam que:

A pesquisa etnográfica fundamenta-se na inserção do pesquisador em um campo diferente, do ponto de vista cultural, de seu próprio habitat durante um longo período. A prática etnográfica consiste basicamente em estabelecer relações, selecionar informantes e tentar salvar o dito em um discurso social em formas pesquisáveis (p. 151).

Vinte trabalhadores de ambos os sexos, com idade igual ou superior a 18 anos participaram da pesquisa. Dois celulares com função de gravador marca LG K10 e uma entrevista semiestruturada contendo 19 questões foram utilizados como instrumentos para coleta de dados.

Sabe-se que o método etnográfico:

... Tem como princípio a busca exaustiva do conhecimento por meio da interação entre o discurso e o comportamento das pessoas, e as observações do pesquisador sobre cada detalhe que compõe os ambientes físico e social pesquisados. O estudo etnográfico possibilita ao pesquisador adentrar no contexto sociocultural de seus informantes e conhecer seus valores, comportamentos, crenças e visões de mundo (Tronchin , Tsunechiro como citado em Souza, & Barroso, 2008, p. 151).

Sendo assim, os pesquisadores foram inseridos no campo de trabalho dos sujeitos da pesquisa com a contribuição da empresa de limpeza pública que atua no município de XXXX. Cumprindo a carga horária de 40 horas, realizaram uma observação participante, com o objetivo de interagir com os Garis que atuam na empresa. Após, apresentaram o TCLE (termo de consentimento livre e

esclarecido) onde todos foram devidamente assinados, aplicamos uma entrevista semiestruturada com os participantes.

A escolha pelo método de Bardin (1997) se deu através das transcrições das entrevistas, onde eram repetidas várias vezes relatos parecidos e os mesmos chegavam ao objetivo proposto. Bardin (1977) explica que fazer análise temática consiste em descobrir sentidos que compõem a comunicação e cuja presença ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido. No primeiro momento, ouvimos os áudios de todos os participantes, onde cada um possui aproximadamente 20 minutos. Ao transcrever verificamos nas falas de cada participante os assuntos mais repetidos para que assim pudéssemos colocar em categorias sendo elas: Trabalho como solução e não por opção, Palavras que magoam, Sonhos adormecidos e Prazer e Sofrimento no Trabalho.

Em seguida, os dados foram analisados, fazendo uma relação das informações coletadas com o marco teórico presente neste trabalho.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A composição desta pesquisa desenvolveu-se em duas fases complementares: 1. Observação participante, seguindo o regime de uma pesquisa etnográfica onde as pesquisadoras se disfarçaram por um período de 12 dias como Garis, com o objetivo de vivenciar e entender através de prática o fenômeno da invisibilidade social. 2. Entrevista semiestruturada, realizada com 20 pessoas, com idade entre 25 a 59 anos, classe econômica baixa, que desempenham a função da varrição por um período de 3 a 20 anos.

4.1. Observação participante

No dia vinte e cinco de agosto de 2016 foram iniciadas as atividades de observação participante seguindo a metodologia etnográfica prevista e foram encerradas no dia nove de setembro de 2016, durando, portanto o equivalente a algo em torno de mês de investigação.

Spradley (1980) alerta para a ideia de que na observação participante, enquanto técnica utilizada em investigação há que realçar que os seus objetivos vão muito além da pormenorizada descrição dos componentes de uma situação, permitindo a identificação do sentido, a orientação e a dinâmica de cada momento.

4.2. Estrutura e funcionamento da observação

A observação participante foi feita cumprindo a carga horária de 40 horas. O uso do uniforme foi obrigatório, realizando a troca em caso de danos ou substituindo com a apresentação do mesmo. O uniforme é composto por luvas de pano antiderrapante, botas, calça, blusa, protetor auricular, máscara, boné, óculos escuro.

As ferramentas utilizadas são: pá, carrinho, rastelo e sacos plásticos pretos. Quando chegaram à garagem, as pesquisadoras foram encaminhadas para o ponto de apoio. Foi feita a distribuição da varrição pelos bairros da cidade, sendo que alguns possuem pontos fixos de trabalho e um grupo faz parte das **alternadas** [grifo nosso], sendo distribuídas em bairros diferentes a cada dia. A observação se estendeu também para a segunda Equipe da varrição, responsável pela limpeza do centro da cidade. A distribuição da varrição se dava pelas ruas do centro em pontos de trabalho fixos e alternados.

Os garis trabalham das 7: 00 às 11: 00 horas da manhã e de 13:00 às 17:00 horas da tarde. Aos finais de semana, segue - se escalas, porém recebe uma folga ao decorrer da semana.

A observação foi realizada em 12 dias corridos (oito dias nos bairros e quatro no centro da cidade) entre turnos alternados, cumprindo quatro horas de trabalho diário. Este acordo foi feito entre o gestor e as pesquisadoras.

4.3. Relações com os companheiros de atividade

No primeiro dia de observação participante, as pesquisadoras enfrentaram vários desafios como as incertezas e dúvidas relacionadas ao contato com os sujeitos da pesquisa e o preconceito social, comum nesses casos.

Inicialmente, encontraram muita resistência por parte dos trabalhadores em aceitar a presença das novas funcionárias da limpeza. Com isso, uma das ferramentas usadas foi tentar usar a mesma linguagem dos trabalhadores, sendo uma tentativa de interação no ambiente de trabalho.

Apesar das dificuldades, podem-se destacar alguns aspectos positivos da observação como os momentos de descontração e vínculos de amizades, como relatam alguns garis [o respeito a todos, educação vem de berço, vem de casa. Independente do que for você tem que tá com o sorriso no rosto pra seus amigos].

[Bom dia, boa tarde, tudo bem? Não sou de muita conversa, não gosto de picuinha, fuxiquinho, essa coisas, sempre fico no meu canto. Eu acho que entre nós não devemos trazer nossos problemas de casa pra dentro do nosso trabalho. Porque o nosso trabalho não tem nada haver com o nosso problema particular porque nos temos vida fora daqui mais né porque temos

vida fora daqui que nos temos que trazer problema pra nosso trabalho. Então eu procuro me dar o máximo possível com meus colegas mesmo porque você tem que ficar todos os dias com elas...].

A fase de adaptação foi bastante complicada, mas importante para a realização da pesquisa. A interação com os trabalhadores da empresa permitiu identificar vários aspectos positivos e negativos que precisam ser considerados quando envolve relações sociais, como a convivência no trabalho, o contato com as pessoas que passam nas ruas, por exemplo.

4.4. 4.4 Observações sobre as relações com a comunidade

Lopes *et al* (2012) explica que a atividade do gari relaciona-se à coleta de lixo. Apesar de ser muito importante para a sociedade, frequentemente é visto como um trabalho inferior, e consequentemente esses profissionais são deixados em segundo plano na estrutura social.

O preconceito é relacionado ao fato de os garis trabalharem diretamente com o lixo, o que muitas vezes acarreta ser confundido. Este sujeito afirma também que, muitas vezes, os garis são referenciados pela sociedade como **pessoal do lixo** [grifo nosso], enfatizando a confusão que ocorre entre o gari e o lixo... Este discurso demonstra que a questão da confusão entre o gari e o lixo é observada, não apenas por parte da sociedade, mas também pelos próprios profissionais, que antigamente não valorizavam seu trabalho.

"Os maus tratos que recebiam, algumas vezes, da sociedade, acabavam gerando nos garis certa revolta, fato que, segundo um entrevistado, gerava conflitos entre eles e a população, o que fazia criar também a ideia de que garis são pessoas mal-educadas" (Lopes, 2012, p. 56).

As pesquisadoras alertam para o desaparecimento social de pessoas em meio a outras pessoas e o sentimento de inexistência que os cercavam. O sentimento de tristeza, aflição, agonia e humilhação predominavam. Era a cegueira psicossocial abordada por Costa (2008) **Cegueira de gente que não vê gente é traumática, causa angústia** [grifo nosso] (p.15). Pessoas próximas, como parentes, amigos, professores, funcionários da faculdade não reconheciam as pesquisadoras.

A comunidade se encontrava em meio à dicotomia daqueles que reconhecem o trabalho de muitos e dos que se deixam passar despercebidos em meio à presença de outrem. Assim se deu ao longo de todo o processo de observação. Algumas pessoas paravam, elogiavam e questionavam a presença das pesquisadoras.

4.5. Os riscos da atividade

As pesquisadoras identificaram também muitos problemas relacionados à saúde dos trabalhadores. O que tornou essa etapa da observação participante ainda mais significativa. Além

de todo o preconceito e invisibilidade social que esses trabalhadores sofrem, convivem diariamente com muitos riscos que podem comprometer sua integridade física.

Evidenciam-se as dificuldades que os garis enfrentam em relação ao desgaste físico decorrente do trabalho que realizam, como o peso das ferramentas que manuseiam os carrinhos usados para carregar os resíduos coletados nas ruas, os movimentos repetitivos e as dificuldades no transporte. Foram verificados no trabalho alguns riscos de acidente como uso de materiais perfuro cortantes (agulhas, vidros, gilete, alumínio) e outros riscos relacionados a assalto, estrupo, violência verbal e o trânsito intenso. Esses são alguns exemplos dos desafios que os garis enfrentam diariamente, tendo que criar várias alternativas para driblar esses obstáculos e cumprir a tarefa com êxito.

Santos & Rigotto (2008) como citado em Silva e Santos (2009):

... Lidar com lixo representa todo um conjunto de problemas à saúde do trabalhador e às condições do ambiente... tais sujeitos são invisíveis [grifo nosso] para o poder público e para a sociedade em geral. Contudo, o que essas pessoas fazem diariamente por nós e pelo ambiente tem valor imensurável para os presentes e futuras gerações. O trabalho desenvolvido pelo gari, por exemplo, evita que o acúmulo de lixo na cidade traga a proliferação de vetores de doenças, a exalação de odores e a produção de chorume; que causa a contaminação do solo e dos recursos hídricos (p.99).

Sendo assim, foi possível compreender que vários fatores tornam a atividade dos garis bastante exaustiva. Além de conviver com o preconceito e outras dificuldades do convívio social é preciso encarar os riscos que comprometem a saúde desse trabalhador, pois podem contrair várias doenças decorrentes do manuseio dos resíduos ou sofrer algum acidente de trabalho, como cortes, inalação de produtos químicos e também atropelos e quedas.

Todas essas observações foram importantes para compreender a rotina dos garis na cidade de XXXX, pensando de forma crítica e reflexiva nas dificuldades enfrentadas por esses sujeitos e assumindo uma postura mais responsável diante dessa realidade.

5. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

A seguir serão expostos os itens contendo os resultados das entrevistas com os garis. No tópico **A atividade como solução** [grifo nosso] discute-se os aspectos sobre a relação da escolha da função de gari como solução para sua sobrevivência. O item **Humilhação Social** [grifo nosso] analisa o preconceito e a discriminação que os garis sofrem diariamente e outras dificuldades que enfrentam no dia a dia. Em **Sonhos adormecidos** [grifo nosso] comenta-se a falta de oportunidades

de crescimento e inserção social e em **Prazer e sofrimento** [grifo nosso] os sujeitos da pesquisa comentam as estratégias que utilizam para enfrentar as dificuldades e os problemas no trabalho.

5.1. A atividade como solução

Na sociedade contemporânea o trabalho aparece como uma forma de identificação das pessoas. Aqueles que possuem trabalhos com status e um maior retorno financeiro tornam-se mais reconhecidos socialmente e aqueles trabalhos que ficam à margem da sociedade, os trabalhos braçais, não possuem o mesmo reconhecimento. Os seres humanos almejam exercer profissões que sejamos valorizadas, porém, devido à desigualdade social, não são todas as pessoas que conseguem profissões com bons salários, reconhecimento e aceitação.

Como Afirma Lopes et al (2012):

O trabalho configura-se como uma das principais dimensões da vida do homem. Influencia na sua inserção na sociedade, delimita espaços de mobilidade social e aparece como um dos fatores constitutivos da identidade e identificação dos indivíduos, interferindo tanto no sentido da sua valorização, inserção na sociedade e auto - realização quanto no sentido de sua desvalorização, podendo, neste caso, contribuir para sua exclusão social (p.3).

A atividade do gari relaciona-se basicamente à coleta de lixo. Esta atividade, apesar da grande relevância para a sociedade em geral, tende a ser vista como um trabalho **menor** [grifo nosso], sendo estes profissionais deixados em segundo plano na estrutura social (Lopes, Maciel, Carrieri, Dias, & Murta, 2012, p.4). Devido á falta de oportunidades, o trabalho aparece em seus relatos como uma forma de solucionar problemas, e não como uma escolha da profissão. Como relatam esses participantes.

[Significa muita coisa, porque eu tava desempregada e o que achei e me acolheu foi ele e hoje eu acho graças a Deus o que deus me deu foi valorizado e a oportunidade que Deus me deu foi essa (C.M- 6 anos trabalhando nessa função)].

[É aonde a gente adquire o nosso pão de cada dia através do dia a dia de luta né?! (M.J - 19 anos trabalhando nessa função)].

[Trabalhando, salário mês na minha mão, alimento pro meus filhos (C.S – 5 anos trabalhando nessa função)].

O trabalho dos Garis vai se transfigurar apenas como atividade de sobrevivência, esquecendo outras questões relevantes do labor. O salário vem garantir o sustento desses trabalhadores e de sua família Costa (2008). Dessa forma verificou-se que, das vinte pessoas entrevistadas, dezessete confirmaram realizar a profissão de Gari pelo fato da mesma ser um meio de sobrevivência, relatam desempenhar essa função por falta de oportunidades e utilizam a mesma como uma forma de

solucionar problemas, pagar contas, fazer empréstimos, pagar escola particular para seus filhos, fazer compras e apenas três dos entrevistados afirmou realizar essa função por que gostam, relatam que o trabalho é tranquilo se divertem e brincam umas com as outras e sentem-se orgulhosas em usar a farda e percebem o trabalho como forma de sua própria identificação. Porém esse gostar da atividade está atrelado aos benefícios a qual a mesma proporciona. Muitas conquistaram seus bens matérias através do trabalho de Gari e informaram não ser possível realizá-los antes do trabalho. Desse modo, a atividade desempenhada pelos garis está mais ligada a conquistas e sobrevivência do que a prazer e realizações pessoais.

5.2. Humilhação social

Os Garis em suas relações sociais vivenciam o sentimento de indiferença, preconceito e humilhação. Contatou-se que as pessoas nas ruas, os moradores de bairros, mantém atitudes preconceituosas em relação aos trabalhadores, não considerando a sua importância e seu papel na sociedade, contribuindo para a manutenção do ambiente mais limpo.

[Já! Mas nunca dei importância porque às vezes eles não falam com a boca, fala com os olhos (T. T - 4 anos trabalhando nessa função)].

[... Às vezes a gente chega no ônibus nós não estamos nem fedendo né que agente somos gari mais toma banho se aseia direitinho, toda cheirosinha ... Às vezes a gente senta do lado ai a pessoa levanta e vai sentar na frente com preconceito de sentar perto da gente, existe esse preconceito (N. S- 2 anos trabalhando nessa função)].

[Pessoa joga onde já varreu, fala que trabalha pra isso, quer humilhar (K.I - 2 anos e 7 meses trabalhando nessa função)].

Como elucida Costa (2008),

Humilhação é o fenômeno enigmático, nunca esgotado em exame superficial ou apressado. Quem se sente rebaixado pode ser tomado como exagerado ou delirante. Seja como for, é justa a confusão e a angústia de quem esteve submetida ao desdém dos outros. [Ficamos sem reação com o que surpreendidos: Você às vezes nem fala com a pessoa, mas fica guardado na mente da gente. A coisa não se dissipa, permanece encruada na alma de quem se sentiu abatido. Não faltam questionamentos: Puxa! Porque fulano falou assim pra mim? Porque ele está fazendo isso comigo sem eu fazer nada de mal pra ele?] (p. 135).

Os relatos consolidam o que foi citado anteriormente. Esses Garis relatam já ter ouvido muitas palavras que os magoaram. A palavra **humilhação** [grifo nosso] aparece com grande frequência e é identificada por eles em olhares e atitudes das pessoas. Oito dos vinte entrevistados informaram nunca ter ouvido palavras que as magoaram e declararam não ter sofrido nenhum tipo

de humilhação e discriminação em seu ambiente de trabalho, mas relatam que as pessoas sentem pena, por elas atuarem nessa função. Doze pessoas informaram já ter sofrido algum tipo de humilhação ou discriminação quando está exercendo a sua função, sejam através de palavras pejorativas como, gafanhoto, povo do lixo, ou ao solicitar um copo de água aos moradores da comunidade e estes o recusam, ou quando presta o favor, serve em um vasilhame de margarina ou em um copo de extrato de tomate, o tratando com o lixo.

5.3. Sonhos adormecidos

Conciliar trabalho e estudos é uma dificuldade e, por isso, o abandono dos estudos para trabalhar é uma prática comum entre os jovens de baixa renda (Lisboa, 2010). Assim, essa população vê suas possibilidades de desenvolvimento de carreira limitadas diante de tantas exigências e demandas por qualificação (Arquivos Brasileiros de Psicologia, 2016).

É comum as pessoas desejarem uma profissão e buscam realização através dela, mas nem sempre alcançam o que desejam dessa forma muitos sonhos tornam-se adormecidos, e as pessoas acabam desempenhando outras profissões para sobreviver. Embora muitos pensem que os Garis não façam parte desse contexto, foi observado através das entrevistas que muitos desejam ou desejaram possuir outra profissão, como: professora, dançarina, vendedora, enfermeira, advogada, salva vidas, técnica de segurança do trabalho, entre outras. Esses sonhos encontram-se adormecidos devido a uma série de fatores, falta de oportunidades e sentimentos de inferioridade. Todos afirmaram possuir sonhos, seja de conquistar algo melhor em sua vida ou oferecer um futuro melhor para seus filhos.

[Não. Pretendo ficar aqui até eu concluir os meus estudos, fazer um curso e conseguir alguma coisa melhor (D. S - 2 anos e 5 meses trabalhando nessa função)].

[... Infelizmente eu não estudei pra escolher (B.Z - 1 ano e 8 meses trabalhando nessa função)].

[Eu queria ser professora (D.A - 7 anos trabalhando nessa função)].

Ao ser questionado sobre o seu desejo de se aposentar na profissão de “Gari”, o participante M relata:

[Olhe eu pretendo porque sei lá eu já vivi... Eu tô com 51 anos a minha oportunidade que Deus me deu foi esta empresa viu, nunca tive carteira assinada é a primeira carteira assinada eu peço a Deus que eu só saia daqui para ganhar meu salário de aposentadoria”. Quando a mesma foi interrogada sobre a profissão de Gari para seu filho, M relata não querer e deseja algo melhor para ele. “Não! Não! Eu queria coisas melhores para ele porque olhe o meu filho é estudado, tem cursos

e mais cursos, terminou o colégio é formado e tudo mais eu fiz de tudo em casa de família, dei de tudo a ele eu queria q ele procurasse coisas melhores... (M – 3 anos e 6 meses nessa função)].

As pessoas ao sonharem com profissões ou com um futuro são acometidas por indecisões e incertezas, porém para as pessoas que se encontram à margem da sociedade com poder aquisitivo baixo, acabam desistindo dos seus sonhos e começam a lutar pela sobrevivência. Os garis relataram seus desejos e sonhos em possuir uma formação acadêmica e poder usufruir de outra profissão, mas devido a fatores como: constituições de família, nível econômico baixo, necessidade de trabalhar, não tiveram a oportunidade de estudar. Diante da sociedade capitalista, o individuo que não desfruta de uma formação acadêmica se torna invisível em meio a quem a possui.

Como afirma Borges (2015):

A falta de escolaridade contribui para associar o lugar ocupado pelos garis a uma condição de margem ou de subalternidade, visto pela maioria da população como subalternos taxados e considerados como invisíveis nos espaços urbanos, onde exercem o seu trabalho diariamente (p.4).

Através dos relatos foi possível observar que muitas pessoas sentem-se valorizadas na profissão de Gari. Dos vinte entrevistados, onze afirmaram gostar do que faz e nove relatam não se sentir valorizados nessa função, porém quando foram questionados sobre a possibilidade de seus filhos desempenharem esta função, quatro dessas pessoas relataram o desejo de algo melhor para seus filhos e muitos acaba justificando a sua permanência no trabalho por conta desse desejo. Ao serem interrogadas sobre a possível oportunidade de se aposentar nessa profissão, as pessoas que responderam sim, fundamentaram sua resposta por meio da idade, pelo fato da mesma já se encontrar avançada, não possuíam perspectivas de mudança de experimentar algo novo, gerado pelo tempo e comodidade nesse trabalho. Aquelas que responderam, não desejam desempenhar outra profissão.

5.4. Prazer e sofrimento no trabalho

O prazer-sofrimento é uma construção única, iniciado das mediações utilizadas pelos colaboradores para o cuidado da saúde, evitando o sofrimento e buscando meios para obter prazer, segundo Ferreira e Mendes (2003). O sofrimento no trabalho inicia quando a realidade não atende as expectativas do trabalhador. Verificaram-se nas entrevistas, as estratégias utilizadas por cada gari para enfrentar as situações de humilhação, desprezo no dia a dia e criar um ambiente de trabalho harmonioso até mesmo para passar o tempo e atender suas necessidades pessoais.

[... O avanço tecnológico e as novas organizações do trabalho não trouxeram o anunciado fim do trabalho penoso, ao contrário, acentuaram as desigualdades e a injustiça social, e trouxeram

formas de sofrimento qualitativamente mais complexas e sutis, sobretudo do ponto de vista psíquico (Dejours, 2008, p. 31)].

Nas colocações seguintes, observa-se certo conformismo dos trabalhadores, que procuram encarar as dificuldades e amenizar os conflitos no trabalho.

[Bem ou mal, tudo bem! Começo 7 horas largo 10:40, pego 13:00 hora largo 17:40 (W. W – 1 ano e 6 meses trabalhando nessa função)].

[A gente corre todos os riscos de ser agredida de ser assaltada, mas isso é o dia a dia da gente né a gente tem que enfrentar o dia a dia, mas fora isso tá tudo bem (W.S- 1 ano e 6 meses trabalhando nessa função)].

[Sim muito sofrido mais valoroso né (M.S- 19 anos trabalhando nessa função)].

[... o nosso trabalho não tem nada haver com o nosso problema particular porque nós temos vida fora daqui, mas né porque temos vida fora daqui que nós temos que trazer problema pra nosso trabalho. Então eu procuro me dar o máximo possível com meus colegas mesmo porque você tem que ficar todos os dias com elas, se você for problemática, caçando problemas, você vai viver como? A vida já não é boa pra gente em termo de a população como trata a gente imagine caçar problema com os colegas no trabalho (A.M- 2 Anos e 1 mês trabalhando nessa função)].

Apesar dos problemas, em geral, os participantes desta entrevista descrevem como é sua rotina de trabalho, evidenciando aspectos positivos e negativos. A maioria das queixas esta relacionadas ao enfrentamento das condições climáticas, a humilhação que enfrentam e o preconceito que a sociedade tem para com eles. Mas também, evidenciam a interação com os colegas e outros momentos significativos. Segundo Dejours & Col. (1994) definem as estratégias defesa como mecanismos que os trabalhadores buscam modificar, transformar e minimizar sua percepção da realidade que o faz sofrer. Visto isso o prazer e o sofrimento vivenciado por eles, garis, é considerado como vivências de medo, com é citado na fala dos entrevistados, a angústia, o conformismo e a invisibilidade fazem parte da sua rotina. As estratégias de defesa irão responder todas as contradições vividas por eles no cotidiano do seu trabalho evitando ou transformando o sofrimento em prazer para uma questão de sobrevivência.

Sendo assim os temas abordados traz um retrato do dia a dia desses trabalhadores. Possuem esse trabalho como solução e não por opção, onde traz fortes relatos que sustenta essa oposição de ser gari por falta de opção, por ter seus sonhos adormecidos pelas dificuldades e falta de oportunidades e utilizam esse trabalho como uma saída para sua sobrevivência, ou seja, pagar contas, sustentar família e ter os seus bens materiais. Ainda assim presenciam na sua rotina de trabalho as humilhações sociais que também passam todos os dias no ambiente de trabalho, tornando-os homens invisíveis. Portanto esse sofrimento é silenciado para enfrentar sua rotina de

trabalho, transformando o mesmo em uma fonte de prazer e satisfação pessoal devido suas necessidades.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre o trabalho dos garis traz reflexões sobre um grupo marginalizado pela sociedade. Costa (2002) ressalta tal aspecto, salientando as más condições de trabalho às quais os garis estão expostos e que não influencia apenas sua saúde física, mas também sua saúde mental. O fenômeno da invisibilidade social provoca no ser humano sentimentos de indiferença, discriminação e sentimento de humilhação.

Verificou-se com esse trabalho que a invisibilidade social está presente na vida dos garis e que os mesmos reconhecem que sua presença só é notada quando deixam de cumprir seu serviço, visto apenas como ferramentas, ou seja, são invisíveis na sociedade.

De acordo com as análises coletadas nota-se que as humilhações sociais fazem parte do cotidiano dos garis. O preconceito foi muito enfatizado nos discursos desses sujeitos. Eles percebem e reconhece na sociedade, discriminação, a hostilidade em relação à função que exercem. Deixam bem claro que as pessoas o tratam com nojo e que não sabem diferenciar o gari do lixo. Além da questão do preconceito eles relatam as más condições de trabalho e que acabam adquirindo algumas estratégias de defesa para encarar a situação. Com bases nessas informações, é importante ter um olhar mais atento e respeitoso diante daqueles que estão em volta, independente de origem, classe social ou atividade profissional e que é de suma importância e necessidade não apenas enxergar o invisível, mas sim vivenciar com eles essas dificuldades, entendendo mais sobre esse universo de pouco acesso e promovendo discussões e debates relevantes sobre o tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

de Assis, E. A., Guimarães, F. A., Cotrim, K., & Badaró, R. R. (2013). PERCEPÇÃO FUNCIONAL E QUALIDADE DE VIDA DOS GARIS DE MICROCIDADES DO INTERIOR DO SUDOESTE BAIANO.

Costa, F. B. D. (2008). *Moisés e Nilce: retratos biográficos de dois garis. Um estudo de psicologia social a partir de observação participante e entrevistas* (Doctoral dissertation, Universidade de São Paulo).

da Costa, F. B. (2004). *Homens invisíveis: relato de uma humilhação social*. Globo Livros.

Lopes, F. T., Maciel, A. A. D., de Pádua Carrieri, A., de Souza Dias, D., & Murta, I. B. D. (2012). O SIGNIFICADO DO TRABALHO PARA OS GARIS: um estudo sobre representações sociais. *Revista Perspectivas em Políticas Públicas*, *5*(10), 41-69.

Santos, G. O., & Silva, L. F. F. D. (2009). Estreitando nós entre o lixo e a saúde–estudo de caso de garis e catadores da cidade de Fortaleza, Ceará. *REDE-Revista Eletrônica do Prodema*, *3*(1).

Velho, A. P.M. (2012). A invisibilidade social. *Pesquisa mostra que a invisibilidade pública está especialmente ligada à segregação das classes sociais. jornal 108.*